

Oficina Teatro do oprimido

Mariane Laurentino

A “Educação é um ato teatral”. É com este pensamento de Bell Hooks, que inicio meu relato acerca das oficinas desenvolvidas no projeto “Teatralizando: práticas teatrais para pessoas com deficiência visual”. A ideia inicial das oficinas, baseava-se no encontro de pessoas diversas, sendo elas, cegas ou baixa visão, buscando proporcionar debates acerca da inclusão e acessibilidade, por meio das práticas teatrais. Para tal, as metodologias teatrais de Augusto Boal, criador de um teatro engajado, por todos e para todos, me pareciam um bom trajeto para se seguir. Porém, com o início da pandemia, essas certezas que parecia tão reais e palpáveis, foram desfeitas e nos deparamos com a necessidade de repensar as nossas conexões e em como transpor a teatralidade, algo tão pessoal e proximal, por meio do uso da tecnologia, algo até então, tido como frio e distante.

É neste ponto, que a pedagogia engajada de Bell Hooks salientou-se em meus estudos, pois entender os participantes como parte ativa dos nossos encontros e, principalmente, acolher, ouvir e construir as oficinas a partir deste processo, as destruindo e reconstruindo sempre que necessário, foram cruciais para os resultados e relações que se estabeleceram ao longo dos nossos encontros. Sendo assim, a partir das histórias e partilhas do primeiro encontro, optei por utilizar adaptações da metodologia do estímulo composto, como potência mediadora, partindo de histórias reais, publicadas, como notícias, contos, relacionando-os com as vivências individuais dos participantes, transpondo para conceitos sociais e, com isso, explicitando as teorias e metodologias que envolvem o teatro de Boal.

Dessa forma, considerando o Teatro do Oprimido de Boal, uma metodologia repleta de práticas complexas e sociopolíticas, a aproximação por meio de uma mediação, facilitou o contato, a compreensão, assim como, a dissolução de possíveis conceitos pré-formados antes da experiência prática, por parte dos participantes. As dúvidas surgiram de forma orgânica, enquanto as próprias vivências de Boal, foram surgindo ao dissecarmos suas metodologias, permitindo com que os participantes se sentissem como componentes efetivos das criações. O estímulo composto aqui, portanto, mediou debates intensos e, a partir da identificação e apropriação da história do outro, levou a percepção que as questões político-sociais, nos permeiam, “com liberdade de escolha, os indivíduos optam por histórias que tenham maior relevância para eles – que permitam uma interação produtiva com ‘quem eles são’”. (SOMERS, 2011, p. 177). Em outro momento, os diversos estímulos e a associação das histórias encenadas aos objetos que continham potência narrativa, auxiliaram no retome do foco e atenção do grupo, trazendo para a cena a relação entre os corpos dos indivíduos e as cenas desenvolvidas, pois “para que se possa dominar os meios de produção teatral, deve-se primeiramente conhecer o próprio corpo, para poder depois torná-lo mais expressivo” (BOAL, 2019, p. 134), no caso das pessoas com deficiência visual, a consciência corporal e conexão com o corpo, são questões inerentes à sua mobilidade e independência, sendo assim, um fator social, que aparece com frequência no cotidiano dos atendimentos em formato remoto, onde há uma facilidade de ficarmos mais presos, deixando o trabalho corporal de lado.

E, quanto a mim, posso dizer que a experiência foi transformadora, permitindo-me florescer enquanto educadora, artista e, principalmente, indivíduo, pois pude sair de meu lugar de

conforto e me permitir reinventar meu trabalho, colocando-me a serviço dos participantes e me entendendo como mediadora de seus (incríveis, diga-se de passagem) encontros com a teatralidade. Nesta jornada, junto a cada um daqueles que se jogaram neste maravilhoso caos, encontrei um espaço de criação, empatia e aprendizado. Experiência única para vida, principalmente, em tempos tão difíceis.